

O MOVIMENTO DA MEMÓRIA: UM DESAFIO METODOLÓGICO AO CAMPO INFORMACIONAL

Lídia Eugenia Cavalcante

Doutora em Educação / UFC, Professora Adjunta /
Pesquisadora Universidade Federal do Ceará,
lidia@ufc.br

Resumo: Apresenta algumas reflexões sobre o papel da memória na construção da história institucional a partir de conceitos teóricos que fundamentam a pesquisa intitulada Memória e Representação da Informação: Gestores do Passado Influenciando o Presente e o Futuro das Organizações, que está sendo realizada durante os anos de 2004 e 2005, na Universidade Federal do Ceará. Evidencia que, nas últimas décadas, historiadores e cientistas sociais têm dado à narrativa um papel de destaque em suas pesquisas contemporâneas, representando um importante território para o estudo das experiências, representações mentais e leitura de uma realidade próxima das manifestações humanas. Nesse sentido, se percebe uma gama de possibilidades, cuja característica marcante é a inserção da construção da memória no tempo e no espaço presentes, sua duração, ritmo e movimento, sempre sujeitos a mudanças e novos olhares, que podem constituir ricos acervos sociais em prol da memória organizacional.

Palavras-chave: memória social; memória institucional; representação da informação

Abstract: This research shows some reflections about the function of memory in construction of the institutions memories begining for basic concepts in this research. **Memory and Information Representation: Manages in past influence of the present and the future of Organizations.** This analysis was realized between the years 2004 and 2005, in the Federal University of Ceará. We perceived, during the last years, that historian and social scientists have given very importance in their contemporary researches to narrative, they have given an important space to studies of experiences, mind representations and readings of human reality. In this direction, we have some perceptions to special characteristics in memory construction in space and present time, its lenght, rate and movement, always being enable to changings and new perceptions on a construction of a rich stock social in favor of organization memory.

Keywords: social memory; institutions memory; information representation

1 INTRODUÇÃO

Miniaturas, entalhes em marfim, elaborados até o ponto de máxima perfeição; pedras perfeitamente polidas e esculpidas; laqueação ou pinturas em uma série de finas camadas transparentes são aplicadas umas sobre as outras; todos esses produtos de trabalho artesanal e sacrificante estão desaparecendo, e já se vai o tempo em que o tempo não importava. O homem moderno não se dedica mais ao que não pode ser abreviado.

Walter Benjamin¹

O estudo ora apresentado tem por objetivo colaborar com as iniciativas e preocupações evidenciadas no Grupo Temático denominado **Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação**, em certo sentido, contemplado com o que enuncia a epígrafe acima. E o faz trazendo, para discussão com os participantes deste importante evento, algumas posturas de natureza teórica, que vêm subsidiando a pesquisa desenvolvida sob minha coordenação, intitulada **Memória e Representação da Informação: gestores do passado influenciando o presente e o futuro das organizações**. Trata-se de empreendimento acadêmico que, em sua dimensão mais ampla, pretende verificar qual a representação da memória individual e coletiva na gestão de organizações cearenses, com reconhecida projeção social, econômica e cultural no século XX, ainda em atuação, e que possuam mais de cinquenta anos de fundação. Nesta perspectiva, o trabalho volta-se para a aferição dos sentidos que adquire a informação produzida pelos gestores do passado no perfil das organizações do presente. De outro modo, como se articulam os saberes e experiências precedentes para a tomada de decisão, a partir do conhecimento produzido e transformado em informações estratégicas, capazes de atenderem às exigências e demandas contemporâneas? é a questão aqui proposta para pensar esta temática.

Para o que proponho discutir neste momento, trago como recorte e objeto de estudo inicial a Universidade Federal do Ceará, tendo em vista a relevância dos seus cinquenta anos de atuação, dentro e fora do Estado, comemorados no ano de 2004, quando teve início a pesquisa, cujo financiamento é de responsabilidade da própria instituição, por meio de sua Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Reivindicada por uns, prometida por outros, esta universidade representa a concretização de um sonho de intelectuais e políticos cearenses, bem como de amplo segmento da sociedade, mas, sobretudo daquele que não se contentou em sonhar apenas. Trata-se do professor Antônio Martins Filho, que não mediu esforços na mobilização de forças locais e nacionais para a construção de uma universidade no Estado do Ceará, evidenciando as marcas do passado no presente.

Ao fazermos a articulação entre memória e representação da informação na UFC, fomos buscar o caráter de mediação entre os gestores, sabendo, pois, que a mediação pode designar um processo complexo de compreensão na transferência de informações entre os sujeitos que as produzem e aqueles que as processam e utilizam. Isto nos leva a questionar: qual a representação da informação produzida por gestores do passado na UFC, e como elas são re-elaboradas pelos atuais gestores? e, ainda, como se processa a função mediadora entre eles? Qual o papel da memória individual no processo de gestão institucional?

Na fase atual da pesquisa, estamos realizando entrevistas com os ex-gestores da UFC, especificamente, os ex-reitores. Após esse trabalho, entrevistaremos a administração superior atual, para compreendermos como se dá, efetivamente, o elo entre a informação produzida no

passado e a forma como a gestão atual se utiliza desses saberes para gerir a Universidade no presente.

A pesquisa toma como procedimento metodológico o estudo da representação da memória na Universidade Federal do Ceará, e sua articulação no processo mediador da informação entre gestores. Com outras palavras, visa a compreender o papel dessa memória informacional para a preservação do conhecimento da instituição, a partir dos depoimentos orais, que deverão indicar de que forma os gestores se apropriam de informações do passado dando novos sentidos a elas nas tomadas de decisão. Ainda como parte do percurso metodológico e produto já concluído deste estudo sobre memória e representação da informação, compomos um arcabouço teórico e conceitual, o qual se constitui como objeto deste artigo, e será apresentado a seguir, ficando os resultados conclusivos do trabalho empírico para um outro momento.

2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E INFORMAÇÃO

Ao longo da história humana, temos formado estoques informacionais materializando-os em diferentes suportes e formas textuais de registro, que vão da utilização da pedra, passando pelo uso do papiro, pergaminho, papel, aos mais modernos instrumentos tecnológicos. Como nos mostra a História, construir formas de preservar o conhecimento nunca deixou de ser uma das grandes preocupações do homem, gerando acervos dos mais variados, por meio da escrita, imagens, artes, entre outros modos de expressão e comunicação. Quando se trata da evolução humana, bem como do progresso da sociedade, o conhecimento sempre influenciou as determinações políticas e sociais nos processos de construção das riquezas. Para tanto, especialmente antes do surgimento da escrita, as sociedades se organizavam e cresciam em torno da terra (bem material precioso de distinção das camadas sociais), e do conhecimento e experiências dos sábios e anciões para as tomadas de decisão. Este procedimento era transmitido de geração a geração.

Atualmente, a terra não representa mais o principal bem que uma sociedade possui, mas ainda significa riqueza. Entretanto, o conhecimento se valorizou cada vez mais, tornando-se um dos principais fatores de desenvolvimento das nações. Esta constatação nos leva a questionar: como funcionariam as sociedades se as experiências vividas fossem ignoradas na construção do conhecimento? É certo que os suportes informacionais se modernizaram, contribuindo para que estratégias de acesso e preservação da informação transformassem os modos de potencializar o conhecimento em prol do crescimento econômico. No entanto, mesmo face a uma geração de documentos sofisticadamente materializados, não podemos nos esquecer de que o conhecimento se processa primeiramente na memória humana, naquilo que cada um guarda em seus “Palácios da memória”, como escreveu Santo Agostinho². São recordações individuais ou coletivas, com marcas pessoais que se entrelaçam ao longo de nossas experiências em sociedade, como sujeitos membros de uma família, escola, profissão, organização, grupo social ou igreja.

À medida que avançamos formando nossos acervos memoriais, as experiências vividas vão compondo a diversidade dos organismos humanos em suas práticas cotidianas, as quais orientam e definem os territórios das trocas informacionais e da comunicação. Não obstante a importância do documento escrito, se percebe que o conhecimento/memória existe independentemente do escrito (em suas diferentes modalidades e possibilidades de leitura), como relíquias, depoimentos orais, fotografias, pinturas, imagens, objetos, gravações etc. Em outras palavras, como acrescenta Febvre, citado por Le Goff, “[...] tudo que, pertencendo ao homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”.³

Portanto, não é de hoje que a capacidade de produzir e gerir conhecimento, inovar e empreender são condições indispensáveis para o sucesso das organizações. Entretanto, esse sucesso vai depender de como a organização construiu seu arcabouço informacional ao longo de sua história, e da relação que estabeleceu com o seu capital intelectual. Não podemos nos esquecer de que, por trás do sucesso das organizações, existem sujeitos que inventaram e trilharam seus primeiros caminhos, produzindo conhecimento e transformando-o em valores estratégicos de competitividade informacional em um dado momento. E estes conhecimentos necessitam ser preservados e apreendidos pelos novos gestores, para que os valores, práticas e experiências, produzidos ao longo do tempo, não se percam ou sejam esquecidos, pois aí reside a relação entre memória e a representação da informação.

A conexão entre memória e representação da informação se dá pela constatação de que as organizações não surgem do nada. Experiências, histórias de vida, riquezas humanas, individuais e coletivas, orientam o sucesso organizacional. Das experiências, nascem expectativas, frutos da capacidade que os seres humanos possuem para utilizar novas abordagens, inovando situações já experimentadas. Neste contexto, introduzimos a noção de memória social. E o fazemos recolhendo aquela que encontramos com Fentress e Wickham, autores que vêem este conceito como fonte de conhecimento e importante dispositivo capaz de auxiliar um determinado grupo na busca de novos caminhos. Assim, a memória é, pois,

[...] uma fonte de conhecimento. Isso significa que faz mais do que fornecer um conjunto de categorias através do qual, de um modo inconsciente, um grupo habita o seu meio; dá também ao grupo matéria de reflexão consciente. Isso significa que devemos situar os grupos em relação às suas próprias tradições, descobrindo como interpretam os seus 'fantasmas' e como os utilizam para fonte de conhecimento.⁴

No entanto, convém ressaltar que, mesmo se tratando de questões do tempo presente, estas suscitam problemas históricos que precisam ser pesquisados, para além dos fatos mais próximos ou contemporâneos ao pesquisador. É preciso buscar, por exemplo, vestígios ou marcas acrescentados à memória de depoentes, registros de acontecimentos por eles narrados, fazer relações, identificar laços e formas de compartilhamentos que auxiliem no desenvolvimento da pesquisa e na construção da memória, no sentido em que a estamos utilizando neste texto.

Chartier, reportando-se à história do tempo presente, assinala que,

[...] essa história inventou um grande tema, agora compartilhado por todos os historiadores, seja qual for o período de sua predileção: o estudo da presença incorporada do passado no presente das sociedades e, logo, na configuração social das classes, dos grupos e das comunidades que as constituem. Os numerosos trabalhos dedicados às modalidades de construção, de institucionalização e de expressão da, ou melhor, das memórias contemporâneas foram decisivos para o início de novas pesquisas que, em todos os períodos históricos, tentam identificar, além do mero discurso histórico, as formas múltiplas e possivelmente conflitantes de rememoração e utilização do passado.⁵

Por outro lado, para Hobsbawm,

[...] Uma das principais vantagens para os historiadores que se dispõem a escrever a história do século XX, é o mero fato de saber, sem esforço especial, o quanto as coisas mudaram. Os últimos trinta ou quarenta anos constituem a era mais revolucionária da história escrita.⁶

É neste sentido, que buscamos no passado recente os modos de construção e apropriação dos discursos e práticas desenvolvidos na sociedade contemporânea e de suas

organizações, por meio da memória daqueles que a construíram e de suas experiências. Não como uma espécie de modelo ou autoridade para o presente, mas, na tentativa de compreender e reinterpretar os caminhos trilhados, sem nostalgia ou como retorno a uma moralidade utópica. A memória, neste caso, alimenta a pesquisa de fontes, as quais o pesquisador pode recorrer, com base no registro acumulado de muitas gerações.

3 O PASSADO RECONSTITUÍDO POR MEIO DA MEMÓRIA

Dialogando com Certeau vamos aprender que, "O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar;"⁷ lugares construídos na memória onde cenas vão sendo tecidas uma a uma, e, cada fio reconstituído em tramas diversas, permite ao homem o uso de metáforas e maneiras de transmitir para o outro suas lembranças, seu passado, os caminhos por ele percorridos e vividos. Por conseguinte, há um elo entre estes fios. Ao falar de comemorações, monumentos, fatos, conquistas e lutas, convém ressaltar que os entremeios vão formando uma imensa e complexa rede, onde os laços aparecem e as experiências tornam-se comuns entre os atores, representantes desta espécie de dramaturgia cotidiana. Não é por acaso que a memória vai reconstituindo, passo a passo, o caminho traçado pelos sujeitos em diferentes etapas de sua trajetória no mundo, revelando formas, sensações e lugares que se voltam para o presente e se contrapõem à medida que são revelados, permitindo aos atores fazerem comparações e descobertas dos elos existentes entre si e o mundo. Esta condição implica, portanto, reconhecer o papel social da memória, que busca fundamentar o cotidiano e às suas ações em grupo, estabelecendo, assim, contatos que correspondem à ansiedade coletiva de legitimidade para ganhar força e valor perante a sociedade. E ainda que haja predomínio de um sobre o outro, esta situação não se impõe sem que passe pelos processos de negociação ou mediação em suas diferentes modalidades.

Passerini vê no presente uma "lacuna" entre passado e futuro. Segundo a autora,

A lacuna não é um mero intervalo, mas um campo de forças gerado pelo esforço do homem para pensar [...] a história – em particular a história do tempo presente – que pode contribuir para criar a lacuna que cada geração nova, cada ser humano deve descobrir e preservar mediante um trabalho assíduo.⁸

"A memória recupera o vivido", escreve Zumthor⁹. É a ela que a sociedade, ou mesmo o indivíduo, recorre para manter o passado próximo ao presente pelo ato de lembrar. Assim, permite que se mantenha a vida, seja pessoal, de um grupo, comunidade, empresa, instituição, sindicato ou movimento popular. A palavra, no momento em que é pronunciada, recupera percursos, transpõe tempo e espaço e se integra às tradições, gerando elos entre duas categorias distintas, porém não excludentes: experiência e expectativa. "A primeira sugere o passado, a segunda, o futuro e ambas parecem querer entrelaçar-se como dois pólos através dos quais a consciência da modernidade se pensa e projeta os seus futuros."¹⁰

Harrits e Sharnberg, ao lerem Benjamin, dizem que ele faz uma distinção entre informação e contar histórias, e vê nesta relação uma luta pela supremacia. Os autores acrescentam ainda que "[...] hoje em dia, quase nada que acontece beneficia o contador de histórias; quase tudo beneficia a informação. Na verdade, metade da arte de contar histórias consiste em manter uma história livre de explicações quando a reproduzimos."¹¹ Nesse sentido, destacamos ainda que,

No momento em que a imagem é liberada, o contador de histórias se sente como um jovem no espaço e no tempo, de tal forma que anula-se a dicotomia, não apenas entre passado, presente e futuro, mas entre corpo e alma.

[...] O contador de história é provavelmente a pessoa que mais irá refletir sobre sua experiência, porque é ele quem vai lhe dar forma.¹²

De qualquer modo, nos tempos atuais, percebemos um retorno à narrativa, que procura situar o contador de histórias, para além das experiências individuais, ao contexto da memória construída socialmente, no qual sua participação individual e reflexiva toma rumos relacionados à memória do outro, de andanças que se cruzam no meio da caminhada. É justamente a expansão da narrativa, isto é, quando o contador se afasta da própria história de vida, das experiências individuais, para aproximar-se das experiências do outro, que ele a transforma em memória coletiva e abarca todo o grupo, etnia, família, comunidade, instituição ou classe social – habitantes de um mesmo espaço e tempo.

A respeito da memória, ainda é possível dizer que se trata de uma construção sempre inacabada. Essa atividade cada sujeito realiza a partir das suas condições de inserção no mundo social, onde as singularidades interferem, fortemente, nos sentidos da leitura de qualquer evento. Pode também ser vista sob um olhar que se lança para além do espaço geográfico e analisa os lugares pelo viés da construção da memória social. Trata-se, portanto, de amplo e vasto campo de estudo a respeito do passado, presente e futuro de homens e mulheres, que caminham e criam histórias em torno dos lugares, relações sociais e batalhas que travaram no percurso, para contemplar as extensões dos caminhos e trilhas que se tornaram estradas para longas caminhadas, cruzando terrenos onde os desejos e as conquistas viraram recordações. Nesse contexto, há um emaranhado de experiências humanas que teimam em se confundir com os lugares geográficos e os lugares de memória, por onde se exprimem as tensões decorrentes da insistência para habitar um mesmo espaço geográfico e um mesmo tempo histórico.

A memória, portanto, alimenta-se de um jogo. Os jogadores são seus protagonistas que se desdobram para mantê-la em evidência, viva, presente, memorável e, muitas vezes, heróica. Nesse jogo, há a sedução da palavra elaborada, rebuscada, pensada, espontânea, teatralizada, que a deixa mais aguçada. De acordo com Nora, “A necessidade de memória é uma necessidade da história.”¹³ Tanto a memória da palavra dita, quanto aquela registrada e materializada nos diversos arquivos onde ela se deposita, mas que também ingressa num processo de infinita circulação.

Ao levar em consideração conceitos relacionados com o estudo da memória, como aqueles discutidos por Pollak¹⁴, tratar-se-á aqui, sobre o que o autor chama de “memória quase herdada”, com base na relação que há entre o presente e o passado, a partir das narrativas de seus “guardiões da memória” levadas aos seus “herdeiros”. Para Pollak, existem acontecimentos que, mesmo não tendo sido vividos por determinadas pessoas, que não se situem no mesmo espaço-tempo, elas os incorporam como se fizessem parte de suas memórias (herdeiros). Este fato ocorre, tanto pelo sentimento de pertença como pelo fato de serem estimuladas a isso, através da narrativa dos mais velhos (guardiões), e de freqüentarem os mesmos monumentos e lugares. A esse respeito, destaca o autor:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.[...] É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada.¹⁵

Portelli¹⁶, entretanto, indica que é possível perceber a existência de um certo controle social sobre a forma como a memória se articula e os acontecimentos e as experiências vividas são narrados. É inevitável que partam de uma ideologia previamente determinada, especialmente aquela ligada a uma memória e a um pensamento político. Porém, esta condição não a torna imune às intervenções, distorções e a incorporação de novos elementos. Neste processo é que entram as negociações, de modo que a memória possa ser devidamente

articulada entre seus atores sociais, sobretudo em relação a maneira como o grupo espera que ela seja enquadrada. Retomando o diálogo com Pollak, encontramos a seguinte observação:

Além do trabalho de enquadramento da memória, há também o trabalho da própria memória em si. Ou seja, cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. [...] é preciso realizar o trabalho de rearrumação da memória do próprio grupo.¹⁷

Sob vários aspectos relativamente diferentes, as visões acerca da memória vão tomando rumos distintos; enquanto uns pensam somente na preservação de acontecimentos, outros esperam que, através dela e de uma identidade social construída coletivamente, se possa gerar uma bandeira de luta a favor não somente da sua preservação, mas, principalmente, em torno de uma consciência política, para além dos fenômenos ocorridos no passado, com possibilidades de se fazerem ouvir por aqueles que têm nas mãos o poder de decisão.

Fentress e Wickham afirmam que, "A história da memória é também a história da sua transmissão".¹⁸ De fato, ao longo da construção da memória de uma instituição, diversos elementos vão sendo incorporados, novos dados fornecidos e agrupados, fazendo com que o interesse por ela possa crescer ou diminuir. Todavia, é o trabalho de manutenção que fará com que a memória se torne referência para a coletividade e institua graus de aceitabilidade e continuidade por parte de um determinado grupo. Assim, podemos observar que, para os autores citados anteriormente,

A memória social parece estar efectivamente sujeita à lei da oferta e da procura: há que fornecer memórias; as memórias devem surgir em pontos específicos. Mas para sobreviverem para além do presente imediato e, especialmente, para sobreviverem na transmissão e na troca, têm que corresponder a uma procura.¹⁹

Portanto, há diferenças de sentido nas formas de leituras que se faz desse passado, lido, lembrado e narrado pelos atores e testemunhas dos acontecimentos vividos, e aqueles que a ele tiveram acesso apenas por herança. A diferença maior reside na presença de certos elementos que aparecem nas mudanças e estruturas de uma nova realidade social. É que este cenário se apóia em valores e crenças que se manifestam em outras perspectivas de reconstrução, na forma como as lembranças representam os sujeitos no cotidiano, levando-os a recriarem entremeios, de acordo com a nova percepção relativa aos acontecimentos relidos ou reinterpretados.

A relação entre memória e cotidiano apresenta fissuras. E a estas importa que se dê bastante atenção, porque o trabalho de justificação dessa memória, para ganhar força no sentido de continuidade, vai depender do modo como o futuro está se construindo para os indivíduos, diante da realidade e das transformações sociais que a sociedade está vivenciando seus valores, crenças, mitos, interesses, condições de vida, ideais e participação social. São questões como estas que, interferindo na construção efetiva da memória social, nos chegam de maneira interpeladora, pedindo algum tipo de análise e decifração. Nesse sentido é que fomos pesquisar a memória individual e coletiva dos gestores da UFC e a sua representação, nos levando a evidenciar valores que certamente foram indispensáveis para o fortalecimento da instituição em seus cinquenta anos de existência, por meio do acervo de memórias que se somaram ao longo do tempo.

4 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ E A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA

No ano de 2004 a Universidade Federal do Ceará completou 50 anos da sua criação. Juntamente com as comemorações do cinquentenário, na condição de membro dessa comunidade universitária, compete-nos também o trabalho de refletir sobre a sua trajetória histórica, social, cultural, política e educacional no contexto cearense e, mais amplamente, no âmbito nacional. Se comparada às centenárias universidades européias, por exemplo, podemos avaliar que ainda estamos no início de uma trajetória, de certo modo adolescente. Entretanto, já possuidora de ricas e variadas histórias que demandam urgentes disponibilidades de escrita.

Muitas vezes, quase tragados pelo turbilhão de afazeres acadêmicos e administrativos, esquecemos de uma função prioritária na vida de qualquer instituição, que é relembrar e notoriar seus feitos. Isto é, fazer a leitura de atos, acontecimentos, gestos, práticas e vida cotidiana de salas de aula, professores, alunos, funcionários e demais membros da comunidade acadêmica. Quase sempre, essas lembranças se perdem no tempo, nas gavetas, arquivos ou nas reminiscências de seus protagonistas. Nessas memórias, existem significados explícitos (ou não) sobre o que representa a instituição para a sociedade a qual pertence, e o acervo memorial que ela produziu ao longo do tempo constituindo matéria-prima para diversos estudos. No contexto acadêmico, muitas vezes, passamos distraídos diante de inúmeras ações importantes, que acontecem ao nosso lado. Quase sempre alheios e estranhos aos movimentos que, certamente, teriam acento na chamada História Oficial ou em seus bastidores, bem como na composição de importantes documentos que podem favorecer inúmeras pesquisas acadêmicas.

Diante destas considerações, é que tomamos a iniciativa de estudar o que representa a memória dos gestores do passado para a UFC, e se ela se constitui como elemento importante para a atuação de seus líderes no presente, começando pela identificação do papel desempenhado pelo professor Antônio Martins Filho, docente da Faculdade de Direito do Ceará, idealizador do projeto de criação da Universidade. Naquele momento, isto é, ano de 1954, o País encontrava-se em efervescência política. Tratava-se de conturbado período da política nacional, e havia a preocupação de que um novo golpe dificultasse tais objetivos, o que levou o referido docente à intensificação de um movimento nacional pró-universidade do Ceará.

O Professor Martins Filho tinha pressa no processo de fundação da universidade, mas, com a morte do então Presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, a criação desta instituição foi retardada, sendo sancionada pela Lei nº 2.373, somente em 16 de dezembro de 1954, e instalada no dia 25 de junho de 1955. Fundada graças ao importante papel político do Dr. Martins Filho, a Universidade do Ceará tinha a seguinte concepção filosófica, sempre defendida por ele: “Como universidade cultivamos o saber. Como universidade do Ceará servimos ao meio. Realizamos assim o universal pelo regional”.²⁰

A visão daquele que foi o primeiro reitor e esteve a frente da UFC por doze anos, desde a sua fundação, era a de que a universidade se constituía numa necessidade, tendo em vista que daria ao ensino superior do Estado uma unidade administrativa e didática; criada em ambiente que privilegiasse a aprendizagem técnico-científica, bem como fomentasse a pesquisa, formando profissionais de alta qualificação, gerando e difundindo conhecimentos, preservando e divulgando os valores artísticos e culturais, constituindo, então, estratégias para o desenvolvimento do Ceará e do Nordeste. Por aproximadamente cinquenta anos, o professor Martins Filho se manteve presente e atuante na vida cotidiana política e administrativa da UFC, freqüentando-a quase diariamente, rotina que veio a ser interrompida somente com a sua morte no ano de 2002, aos 99 anos, pouco antes do cinquentenário da Universidade, e do seu centenário de nascimento.

Durante a pesquisa, estamos experimentando a privilegiada oportunidade do diálogo e da interlocução com pessoas que, no passado, construíram a história da UFC, e muito têm para contar. Estamos lidando com informações que nos auxiliam a pensar a cultura acadêmica e organizacional implantada nos últimos 50 anos da instituição, por meio do depoimento de seus gestores. São reitores, diretores, chefes e coordenadores de cursos que, em algum momento da história acadêmica, tiveram participação no processo de construção de uma memória de liderança, de histórias entrelaçadas, muitas vezes, por um tênue fio, quase imperceptível, gerado por posições ou decisões políticas convergentes ou contraditórias. Essas considerações podemos observar na entrevista realizada com o professor Murilo Martins, médico, docente, escritor e ex-vice reitor da UFC, filho do fundador da universidade e ocupante de diferentes cargos de direção, nas últimas décadas, antes da sua aposentadoria. O professor destaca os feitos de cada reitor, sublinhando a figura de seu pai, e o que ele representou para a história política e acadêmica da Universidade do Ceará.

Pensar a cultura acadêmica nos leva, necessariamente, a imaginar um arcabouço de conhecimento escrito, rigorosamente registrado em pesquisas, projetos e produções científicas, que envolve atores de um vasto processo científico e tecnológico sofisticado. Como entrelaçar a cultura do escrito, o impacto das letras, amplamente difundida nas universidades por meio de suas produções e acervos com a informação oralizada, resultado das lembranças de seus atores? O estudo da memória, como reminiscência, está diretamente ligado às ciências sociais e humanas, assim como ao comportamento narrativo e à sua função social. Para Le Goff, a memória traz a comunicação de uma informação referente aos acontecimentos do passado. Nesse sentido, é assim que ele se expressa sobre o assunto:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento de nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória.²¹

Na pesquisa aqui apresentada, estamos lidando com representações públicas do pensamento e da memória institucional, resultantes de um processo subjetivo de trocas entre sujeitos. Neste fazer, mobilizamos todos os sentidos, numa espécie de etnografia que nos permita identificar como essas representações afetam os ambientes comuns da UFC, e são interpretadas como subsídio informacional nas tomadas de decisão, por parte dos gestores, nas ações e propósitos que empreendem. Estas situações, que ligam conceitos modernos e pressupostos tradicionais, expressam uma construção epistemológica de natureza transdisciplinar na qual dialogam áreas como Ciência da Informação, História, Ciências Sociais e Psicologia Social para o enriquecimento da compreensão em torno do campo das representações sociais e simbólicas da memória e da informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossos dias, os estudos sobre memória vêm alcançando importante destaque no universo das diferentes áreas do conhecimento, especialmente nas ciências humanas e sociais, uma vez que estas áreas têm na memória pessoal ou coletiva valiosos objetos de suas investigações científicas. Por meio do estudo da memória acadêmica e organizacional, podemos ter acesso a vestígios do passado, muitos deles ainda sem registro físico ou escrito nas universidades. Alguns, são reflexões do inconsciente, de vivências e experiências que vão sendo construídas ao longo do tempo, alimentadas por uma participação pessoal na

coletividade do cotidiano onde, muitas vezes, as decisões tomadas ou mudanças empreendidas certamente contribuem para ações significativas na vida da instituição.

Mergulhar nas memórias da Universidade Federal do Ceará, por meio dos acervos pessoais e das lembranças de seus gestores, reconstituindo as trajetórias de vida dos grandes educadores da instituição, constitui tarefa profundamente gratificante, pois nos leva a percorrer trilhas e caminhos que vão desembocar em territórios onde se encontram empreendimentos sociais, políticos e culturais que exibem marcas daqueles cearenses que viam no projeto da criação de uma universidade do Ceará um fator indispensável ao desenvolvimento do Estado e do Nordeste. Incluindo nestas conquistas, as dimensões científicas, culturais e tecnológicas.

Outro aspecto importante, que vale destacar, é o cruzamento dos lugares dos sujeitos onde suas memórias se formam. Trata-se de fator significativo para a efetivação do patrimônio memorialístico institucional. O *campus* universitário é o espaço das trocas, vivências, discussões, intrigas, bem como da construção política que move as ações dos gestores, líderes das instituições acadêmicas, onde se estabelecem relações que se fundam no poder e na autoridade de suas lideranças e diferentes correntes ideológicas.

Finalmente, é importante considerar que essas memórias, ao serem registradas, vão compor valiosos acervos que servirão às gerações futuras, tanto nos processos de produção do conhecimento quanto na interação de diferentes gerações de líderes acadêmicos e suas ações, não no sentido de continuidade, mas de avaliação para tomadas de decisão. As memórias oferecidas por esses sujeitos são pedaços da história institucional que compõem um todo articulado, porém complexo, cujas representações se dão no terreno de referências produzidas ao longo de trajetórias que se cruzam e se formam, empreendidas em contextos educacionais, de caráter profundamente político e cultural no seio das universidades.

NOTAS

¹ Benjamin vai buscar apoio para seu pensamento no poeta Paul Valéry, acerca do fato do contador de histórias trabalhar pacientemente com a substância de sua matéria, à medida que ele se move em direção do passado e acrescenta camada sobre camada à sua história.

HARRITS, Kirsten, SHARNBERG, Ditte. Encontro com o “contador de histórias”: um processo de aprendizado mútuo. **História Oral**. São Paulo, v. 3, n. 3, jun. 2000. p. 32.

² SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.224.

³ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas: Unicamp, 1996. p. 539.

⁴ FENTRESS, James, WICKHAM, Chris. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992. p. 42.

⁵ CHARTIER, Roger. A Visão do historiador modernista. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 216.

⁶ HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 247. (grifo do autor).

⁷ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 190.

⁸ PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 214.

⁹ ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 15.

¹⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória sertão**. [s.n.t.]. p. 29.

¹¹ HARRITS, Kirsten, SHARNBERG, Ditte. Encontro com o “contador de histórias”: um processo de aprendizado mútuo. **História Oral**. São Paulo, v. 3, n. 3, jun. 2000. p. 29. É interessante notar que já no final da década de sessenta, quando foi publicada a obra de Walter Benjamin citada pelos referidos autores “*The Storyteller*”, ele já preconizava o valor excessivo dado à informação, carregada de explicações, fatos, dados, datas, etc. “O contador de histórias de Walter Benjamin pode ser descrito como o narrador clássico, que vive onde é executado um ofício, em coordenação entre ‘alma, olho e mão’, que remonta a um tempo tão antigo na história quanto a era do mito. Mas até onde irá, no futuro? No que concerne a Benjamin, a figura do contador de histórias está se esvaecendo no ritmo da gradual extinção dos ofícios e do trabalho ‘por conta própria’. Ele não questiona se o trabalho assalariado pode dar ao contador de histórias uma nova imagem em que a antiga possa ser inserida. HARRITS, Kirsten, SHARNBERG, Ditte. id. *ibid.* p. 28.

¹² Id. *ibid.* p. 30.

¹³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v. 10, dez. 1993. p. 14.

¹⁴ O autor, ao afirmar que a memória é um fenômeno socialmente construído, apresenta alguns conceitos que a ela são apropriados para uma compreensão melhor do tema, como a seletividade da memória e memória quase herdada, para se compreender a ligação que há entre memória e identidade social. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

¹⁵ Id. *ibid.*

¹⁶ PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. 103-137.

¹⁷ POLLAK, Michael. op. cit. p. 206.

¹⁸ FENTRESS, James, WICKHAM, Chris. op. cit. p. 243.

¹⁹ Id. *ibid.*

²⁰ PINTO, Paulo Roberto. **A Pré-história da Universidade do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005. p. 35.

²¹ LE GOFF, Jacques. op. cit. p. 425.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória sertão**. [s.n.t].

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. A Visão do historiador modernista. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes,

AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FENTRESS, James, WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992. .

HARRITS, Kirsten, SHARNBERG, Ditte. Encontro com o “contador de histórias”: um processo de aprendizado mútuo. **História Oral**. São Paulo, v. 3, n. 3, jun. 2000.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas: Unicamp, 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v. 10, dez. 1993.

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

PINTO, Paulo Roberto. **A Pré-história da Universidade do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. 103-137.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. São Paulo: Hucitec, 1997.